Sarampo cria alerta e desperta para mudanças

O sarampo é uma doença grave e altamente contagiosa. Causada por um vírus de transmissão respiratória, pode evoluir com complicações e óbitos, vem ressurgindo nos últimos anos em diversos países e representa uma ameaça global. No primeiro trimestre de 2019 o número de casos aumentou em 300% em todo o mundo, em comparação ao mesmo período de 2018.⁽¹⁾

Em 2019, até o dia 26 de julho de 2019, o Brasil confirmou 646 casos de sarampo, distribuídos em oito Unidades Federadas (UF): São Paulo (567), Pará (53), Rio de Janeiro (13), Minas Gerais (4), Amazonas (4), Santa Catarina (3), Roraima (1) e Sergipe (1).⁽²⁾

Número que cresce a cada dia, pela transmissão autóctone já instalada, ou seja, o vírus circula em território nacional, não sendo transmitido apenas por casos importados. Este quadro levou à perda da certificação de país livre do sarampo.⁽¹⁾

Atualmente, a maior concentração de casos de sarampo está na faixa etária de 15 a 29 anos, sendo a maior incidência nos menores de um ano de idade.⁽²⁾ Em algumas regiões, como no município de São Paulo, ocorrem campanhas de vacinação contra o sarampo para bebês de 6 a 11 meses e jovens de 15 a 29 anos.

Junto às campanhas e atendimento aos casos, ocorrem verdadeiras corridas contra o tempo, visando a contenção da doença através dos bloqueios de transmissão, que consistem na vacinação de toda população comunicante de um caso suspeito ou confirmado e a busca exaustiva por casos secundários. São ações que demandam grandes esforços das equipes de saúde, especialmente dos profissionais de enfermagem.

A vacinação é a medida mais eficaz de prevenção e controle do sarampo, sendo necessário imunizar 95% da população para que a doença não se propague, e para a proteção dos indivíduos que não podem receber a vacina.

Segundo dados do Programa Nacional de Imunizações do Ministério da Saúde (PNI/MS), nos últimos dois anos a meta de ter 95% da população-alvo vacinada não foi alcançada.⁽³⁾

O ressurgimento de doenças imunopreveníveis, têm gerado diversos estudos e crescente discussão a respeito das causas de declínio nas taxas de vacinação não só para o sarampo, mas para a maioria das vacinas disponíveis, a exemplo mais recente da febre amarela.

Os debates sobre as causas de queda nas vacinações identificam a influência de fatores relacionados à dimensão das famílias e sociedade, dos profissionais e do sistema de saúde.

O desaparecimento de doenças imunopreveníveis por décadas e a falsa sensação de segurança, o desconhecimento sobre o risco, crenças religiosas, filosóficas, naturopatas, medo de reações vacinais, movimentos antivacinas e

uma epidemia de notícias falsas disseminam inverdades e mitos sobre as vacinas.⁽⁴⁾ Descrente e mal informada, a população se torna presa fácil de movimentos antivacinistas e das fake news compartilhadas nas redes sociais e grupos de WhatsApp.⁽⁵⁾

Segundo a OMS, em 2019 a hesitação em vacinar, está entre as dez maiores ameaças à saúde da população mundial, pois arriscam reverter o progresso alcançado no combate a doenças evitáveis por vacinação, como o sarampo e a poliomielite.⁽⁶⁾

A recomendação contrária à vacinação, a desatualização sobre o tema, o déficit de formação, a sobrecarga de trabalho e as crenças dos profissionais de saúde interferem na recomendação de vacinas, causando confusão e insegurança da população. A confiança nos profissionais de saúde aumenta a percepção de segurança da população, tornando-se imprescindível a atualização dos profissionais da saúde, com capacitação, publicações e campanhas de comunicação. Além de recomendar vacinas, é preciso ouvir e entender as preocupações dos pacientes, oferecendo respostas fáceis de serem compreendidas e que evidenciem a importância, os benefícios e a segurança das vacinas.⁽⁵⁾

Em relação às famílias, observa-se a concepção de que são doenças leves, críticas à composição das vacinas e escolhas de outras formas de proteção à saúde contrapondo-se ao conhecimento sobre vacinação e a presença de pessoa ou profissional influente que apoie a vacina influenciando positivamente na tomada de decisão em vacinar as crianças.^(7,8)

O desabastecimento de imunobiológicos, a estrutura dos serviços de imunização, os horários das salas de vacinas, a espera pelo atendimento de vacinação, a rotatividade e o déficit de profissionais, a limitação dos sistemas de informação de vacinação, a falta de integração entre vigilância, atenção básica e hospitalar, a descontinuidade de ações intersectoriais e intersetoriais, impactam na efetividade das ações de controle de doenças prevenidas por vacinação.

A disseminação do sarampo tem revelado inúmeras fragilidades do sistema de saúde no preparo dos diferentes níveis de atenção frente às emergências de saúde pública.

A sensibilidade para a suspeita de casos e notificação oportuna dos serviços hospitalares, de pronto atendimento, Unidades Básicas de Saúde e demais que prestam atendimento de saúde à população, tanto público como privados, são definidoras para disparo do alerta e o estabelecimento rápido de medidas de controle pela vigilância epidemiológica. O estreitamento do vínculo desses serviços com a Unidade de Vigilância em Saúde do território é crucial para o compartilhamento contínuo de informação, análise de dados, atualização e aprimoramento de fluxos e protocolos.

Neste momento todo o corpo de enfermagem, profissionais, professores e estudantes estão em alerta e despertam-se para a necessidade de refletir sobre suas práticas e interações com os pacientes e usuários dos serviços de saúde. É preciso mais do que nunca, apropriar-se deste importante papel de influenciador de opinião positiva em relação às vacinas, promovendo aproximações e parcerias, discutindo dificuldades e facilidades em busca de soluções transformadoras em seus ambientes de atuação. O enfermeiro deve liderar a implementação de estratégias para criar novos jeitos de cuidar de problemas superados no passado,

quando a enfermagem protagonizou grandes conquistas e que se tornam novas ameaças no tempo presente, num mundo conectado e dinâmico, que nos impõe mudanças também rápidas no pensar, ensinar e fazer a diferença que a enfermagem sabe e pode fazer.

Enfa. Maria de Fátima Soares

Coordenadora da Unidade de Vigilância em Saúde de Itaquerá/ SMS São Paulo, SP, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8526-1204>

DOI: <http://dx.doi.org/10.31508/1676-3793201900001>

Como citar:

Soares MF. Sarampo cria alerta e desperta para mudanças. *Rev Soc Bras Enferm Ped.* 2019;19(1):4-6.

Referências

1. Alerta da situação epidemiológica do sarampo no Brasil e orientações quanto a vacinação dos pacientes com doenças imunomediadas (reumatológicas, psoríase e doença intestinal inflamatória): posicionamento das Sociedades Brasileiras de Reumatologia (SBR), Infectologia (SBI), Imunização (SBIm) e do Grupo Estudo DII Brasil (GEDIIB) [Internet]. 2019 [cited 2020 Abr 15]. Available from: <https://sbim.org.br/images/files/notas-tecnicas/nota-tecnica-sarampo-sbr-sbim-sbi-gediib-190531.pdf>
2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Sarampo. Monitoramento da Situação no Brasil. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2019.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de Imunização. Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações. Brasília (DF): 2018.
4. Levi GC, Levi M, Oselka G. Vacinar, sim ou não: um guia fundamental. São Paulo: MG Editores; 2018.
5. Ballalai I. Reflexões sobre o antivacinação no Brasil. *Imunizações.* 2019;12(3):21-4.
6. Organização Panamericana da Saúde (OPAS)/Organização Mundial da Saúde (OMS). Dez ameaças à saúde que a OMS combaterá em 2019. [Internet]. Brasília (DF): OPAS/OMS; 2019. [cited 2019 Jun 20]. Available from: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5848:dez-ameacas-a-saude-que-a-oms-combatera-em2019&Itemid=875
7. Barbieri C, Couto M, Aith, F.A (não) vacinação infantil entre a cultura e a lei: os significados atribuídos por casais de camadas médias de São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública* 2017;33(2):e00173315.
8. Benin AL, Wisler-Scher DJ, Colson E, Shapiro ED, Holmboe ES. Qualitative analysis of mothers' decision-making about vaccines for infants: the importance of trust. *Pediatrics.* 2006;117(5):1532-41.